QUARENTA ANOS DE BENEMERÊNCIA (*)

MOZART SORIANO ADERALDO

Se é exato o cálculo de Dante, já comecei a descer, melancòlicamente, a encosta da montanha...

É bem verdade que, subtraindo-se à lei da natureza, há tantos moços prematuramente envelhecidos — quase dizia *envilecidos*, como há velhos que conservam o frescor de sua meninice — *"ad Deum que laetificat juventutem meam"*... Mas constituem exceções, nem sempre merecedoras de imitação, pois, se causa espécie a sisudez de um menino com jeito de sábio, não menos ridícula é a leviandade de um velho com ares de Lovelace...

Todavia, há circunstâncias que atenuam ou anulam a responsabilidade dessas criaturas excepcionais — as criancinhas de ventre túmido, por exemplo, envenenadas pelas raizes que *enganaram* seus estômagos famintos, lançam-nos olhares mortos que denunciam o antecipado conhecimento da vida no que esta tem de mais desumano e anticristão.

Regra geral, porém, vivemos a idade que temos, dentro, é claro, da relatividade própria às coisas humanas oscilantes do extremo da afirmação da personalidade ao oposto espírito de comunidade, com os variados aspectos que êsse binômio apresenta.

Quase forçoso será, então, viver melancòlicamente durante a descida da outra encosta da montanha, enquanto temos espargido sorrisos e alimentámos fagueiras esperanças na misteriosa subida que nos embriaga por seus múltiplos imprevistos.

É por isso que falamos com suave ternura daqueles tempos que se foram, de seus bons e até de seus maus momentos, plenos de felicidade

---

(*) *Discurso pronunciado a 7 de junho de 1953, no Teatro José de Alencar, em nome dos ex-alunos dos irmãos maristas, por ocasião dos festejos comemorativos do 40º aniversário do Colégio Cearense.*

ou irremediàvelmente desgraçados, sabido que na infância não existe o *meio-termo*, o equilíbrio que a maioridade nos infunde — "não há bem que sempre dure nem mal que nunca se acabe"...

Dessa encantadora quadra da vida é que devo falar em tão solene comemoração do quadragésimo aniversário de fundação do Colégio Cearense, onde passei o primeiro lustro de minha vida escolar, ao lado de mestres que procuraram auxiliar-me na formação de minha personalidade e na sua adaptação ao mundo social, e de colegas que vez por outra reencontro, vitoriosos ou fracassados, mais ditosos do que infelizes, tão excelente foi a educação recebida na já vetusta casa do antigo *boulevard* Duque de Caxias.

A atual avenida não ostentava, ainda, o que hoje constitúi motivo de justo orgulho para a progressista capital cearense. Era, antes, o limiar das chamadas *areias*, um subúrbio onde se levantavam os primeiros prédios imponentes ao lado de cêrcas e muros e casas modestas, uma das quais habitei pelo espaço de quatro anos, cujo aluguel não ia além de cinqüenta mil réis mensais. Constituia, mesmo, encanto dos estudantes menores que, em demanda do lar, tomavam a direção da praça do Carmo, o correr desabaladamente *boulevard* a fora, em busca de uma frutinhas pretas e ácidas que colhíamos quase à esquina da rua Floriano Peixoto, onde hoje não se passa sem atender, prudentemente, aos sinais que a Inspetoria do Trânsito colocou para segurança dos pedestres, tão grande é o movimento naquelas paragens antigamente ermas. Em vez de residências suntuosas, além das poucas casas habitáveis, o que se erguia alí, regra geral, tomava o aspecto dos chamados *quartos do Sampaio*, localizados entre as ruas General Sampaio e 24 de Maio, miseráveis casebres onde *vegetavam* lavadeiras, engomadeiras e outras criaturas marginais.

Em princípios de 1924, nove anos após a chegada dos irmãos maristas ao Ceará, meu pai tomou-me a mão e conduziu-me ao Colégio Cearense, onde meus dois irmãos mais velhos já estudavam, a fim de efetuar a minha matrícula no chamado Curso Infantil, que supria a falta dos Jardins de Infância, uma vez que a *escola nova* apenas anos depois teria seu advento entre nós.

Seria vã a tentativa de descrever as emoções, apreensões, surprezas, imprevistos dêsses primeiros dias de contacto com o mundo extra-familiar. Um coração de menino é terra que ninguém penetra, mesmo o adulto em que se transformou...

Encontrei o Colégio Cearense sob a direção do irmão Marcelino, sendo vice-diretor o irmão Herman, que punha um sabor de doçura na enérgica administração do inflexível marista e foi, anos depois, seu suces-

sor no pesado pôsto de comando do estabelecimento. Outros abnegados maristas os auxiliavam na delicada tarefa de ensinar. Recordo, de logo, o irmão Joaquim, atualmente com setenta e oito anos bem vividos e bem sofridos, a quem se dirigem preferentemente as nossas homenagens de hoje, uma vez que, deixando a França há meio século em demanda do Brasil, há trinta e oito anos permanece no Ceará, de onde não mais saíu, desde o dia em que aqui chegou — 4 de janeiro de 1915. Múltiplas foram as funções que exerceu o irmão Joaquim no Colégio Cearense, desde a de fundador — pode-se dizer, juntamente com o provincial irmão Alípio, o diretor irmão Epifânio e os professores irmãos Paulo Maurício e Sebastião Camilo — às de censor dos internos maiores, preceptor de um dos anos do curso primário, diretor-geral do Grêmio José de Alencar, professor de desenho de várias classes, presidente do Apostolado da Oração, organizador da Milícia Angélica, catequista dos candidatos à Primeira Comunhão, etc. Uma, porém, que não consta dos assentamentos, quero ressaltar agora — a de conselheiro, amigo, quase *outro pai* que os estudantes encontravam no Colégio. Dava gôsto ver o irmão Joaquim desdobrar-se, multiplicar-se em cinco, em dez, para atender solìcitamente a todos, não sòmente no que tange às necessidades escolares, mas, ainda, quanto às mais inocentes distrações infantis. Revelava seu desvêlo até mesmo nas merendas que vendia — metade de um pão dêsses de duzentas gramas, que hoje se adquirem por Cr$ 1,50, com uma grossa fatia de doce de banana ou de goiaba, ao modo de *sanduiche*, tudo pelo *elevado* preço de.. dois tostões.

Aliás, diga-se de permeio, não desmereciam de seu colega mais antigo os outros maristas que ensinavam no Colégio Cearense. O irmão Domício, que nele lecionou de 1917 a 1925 e trabalha atualmente no seminário marista de Apipucos, também presente a estas manifestações de regozijo, fazia jus à admiração dos estudantes, especialmente dos maiores, de quem era professor de História Natural. Lembro-me com nitidez das escursões que anualmente promovia pelas praias de Fortaleza, causando assim satisfação a seus alunos e inveja aos menores que ficavam.. O mesmo se diga do irmão Feliciano, naquele tempo alvo da irreverência da meninada por via de sua magreza, o que não impediu que hoje, com algumas enxúndias que a idade quase infalìvelmente nos acrescenta, seja por todos nós lembrado e estimado, merecendo a nossa homenagem, presente que está a estas comemorações.

E outros e outros mais, cuja seleção seria impossível fazer, caracterizando-se uns pela austeridade, outros pelo saber, outros pela brandura... Seja-me permitido, porém, cultuar especialmente a memória do irmão Onésimo, rapagão forte, alto, vermelho, jogador de *bola ao cam-*

po, de quem, depois, sòmente notícias esparças me chegavam, dentre as quais a última, lamentável e triste — sua morte em consequência da segunda guerra mundial, de que participou na qualidade de bom francês que era. E como conversa puxa conversa, não quero terminar esta já longa louvação sem referir-me a outros professores meus no curso primário, os irmãos André e Batista, que ainda hoje servem à congregação marista nos colégios de Belém e São Luís.

Para que mais falar sôbre êles, se os demais em tudo se assemelhavam a êsses velhos e inesquecíveis mestres, a quem muito devo e rendo, neste instante, minha sincera homenagem, e se eram da felpa de um irmão Estêvão e de um irmão Estanislau, atualmente diretor e vice-diretor do colégio marista do Recife?

Deles recebi prudentes lições que muito me têm servido na vida. E semelhantemente hão de assim pensar, sem dúvida, os vários colegas que sentaram a meu lado nos bancos do tradicional colégio, inclusive os trinta e nove que compuseram, comigo, o Curso Infantil de 1924. Dentre êles relembro agora, nesta festa de saudade, Lesko Araújo Júnior, engenheiro pela Faculdade da Bahia; Roberto Bruno, médico ortopedista em Fortaleza; Valter Santos Sátiro, comerciante em nossa praça e antigo desportista conterrâneo; Cesário Raimundo de de Moura, bondasíssima criatura que há muito não revejo; Haroldo Torres, roubado prematuramente às letras cearenses; Álvaro César Correia, próspero comerciante em Fortaleza... Lá estão, no nº 6 de "Verdes Mares", de 25 de novembro de 1924, ao lado das notas dos demais colegas que lograram aprovação, as minhas de exame final — 6 em Religião, 10 em Leitura, 7 em Caligrafia e 4 em Cálculo...

Nesse primeiro período de minha vida escolar encontrei já circulando o órgão do Grêmio José de Alencar, a revista "Verdes Mares", cujo número de estréia data de 25 de novembro de 1923, tendo como redator Francisco Araújo, hoje distinto clínico cearense. Dêsse número, aliás, ressalto as colaborações de Aderbal Freire, que viria a ser catedrático da Faculdade de Direito do Ceará, sôbre Sigismundo Sisnando Batista, matuto inteligente do Crato que mereceu do articulista o epíteto de "um gênio desperdiçado"; de José Osvaldo Soares, que se diplomou em medicina e clínica entre nós, sôbre "as almas puras"; de Nagib de Melo Jorge, que atualmente, como advogado que é, milita em nosso fôro, sôbre "a vida do sertão"; de Luís Ábner de Sousa Moreira, que seguiu a carreira militar e hoje é oficial de nosso Exército, tendo ocupado a Secretaria de Polícia e Segurança Pública do Estado, sôbre "o Apostolado da Oração"...

Além do Grêmio Literário José de Alencar funcionava, ainda, no

Colégio Cearense uma associação chamada "Meu Jornal", fundada, sob os auspícios do irmão Domício, a 11 de novembro de 1920, por Olinto Oliveira e Ciro Ideburque Carneiro Leal, tendo por objetivo incentivar seus associados ao registro diário, em uma caderneta de lembranças, dos fatos mais importantes da vida. Eram seus dirigentes, em 1924, Domingos Olímpio de Saboia e Silva, Raimundo Ramalho, Adolfo Ximenes de Farias e Aderbal Nunes Freire.

Matriculados em outros cursos, e porisso menos acessíveis a nós, simples *fedelhos* do Curso Infantil, à proporção que mais adiantados, foram meus contemporâneos, nesse recuado ano de 1924, Carlos Borges Moreira, Ademar Nunes Freire, Gino e Venício Marino, José Jereissati Filho, José Chaves da Cunha, alunos do 1º ano primário; José Alaor de Albuquerque, Eduardo Bezerra Filho, Sílvio Ideburque Carneiro Leal, Tancredo Bezerra, do 2º ano; José Parsifal Barroso, Lauro Maciel Severiano, André Viana Camurça, Alci Leitão, Tomás Aragão, Agenor Maia Ferreira, Everardo Bezerra, Álvaro Costa, Lauro Maia, Humberto Aragão, José Calisto Neto, Oto Ramos de Oliveira, Mair Sátiro, do 3º ano; e Hélio Ideburque Carneiro Leal, Raul Barbosa, Décio Teles Cartaxo, José Abreu Pita Pinheiro, José Gomes da Frota, Japi Magalhães, do 4º ano.

No período letivo seguinte outros colegas juntaram-se à turma do então 1º ano primário. Lembremos João Hortêncio de Medeiros, hoje distinto engenheiro; Sebastião Porfírio Sampaio, promotor público no interior do Estado; Eliézer Gondim Monteiro, mais tarde, como o último citado, meu colega no curso de C. P. O. R. da 10a. Região Militar... Aluísio Mosca de Carvalho, José Caramuru, Emílio Sidrim e Halley Correia Barroso, concomitantemente, cursavam o 2º ano, enquanto José Banward Bezerra, Murilo Mota, Geraldo Carlos Lemos, Leonel Jucá Filho e Geraldo Lira Aguiar faziam o 3º ano primário.

Em 1926, já no 2º ano, outros colegas enriqueceram a minha turma: Alfredo Azevedo Montenegro, advogado no fôro desta capital; Mário Nunes Freire, prematuramente roubado ao carinho de sua família; Hélio Paracampos, médico pela Faculdade do Recife; Ângelo da Rocha Albano, inteligente e irrequieto como o pai — o grande poeta José Albano...

Em 1927, nossa turma, então no 3º ano primário, foi acrescida de Agapito dos Santos Sátiro, depois deputado federal pelo Ceará; Jaime Nogueira, meu companheiro de brincadeiras infantis em Senador Pompeu e hoje alto exportador conterrâneo; José Napoleão de Araújo, mais tarde médico na região do Cariri e deputado estadual; Osmar Fonte-

nele, meu colega, anos após, no Liceu do Ceará e atualmente agrônomo e uma das autoridades em peixes, em nossa terra...

Mas, para que citar ainda, se o rol seria imenso, quase não existindo alguém que, naqueles já recuados tempos, tenha deixado de ser aluno dos irmãos maristas?

Destarte, são beneméritos do Ceará aquêles que, por tão dilatados anos vêm lapidando as inteligências desabrochantes, os caracteres em formação, numa terra tão carecida de grandes colégios.

Não seria descabido salientar, nesta oportunidade, o desvêlo com que os irmãos maristas cuidam igualmente do corpo e da alma de seus alunos. "Mens sana in corpore sano" — bem poderia ser o lema dêsses educadores consagrados. Seus salões de aula, òtimamente instalados, levando-se em conta a época em que foram construídos; seus campos de esportes, numerosos e variados; sua espaçosa capela — tudo nos fala da preocupação que os absorve de bem disciplinar a vontade, a inteligência e os músculos dos discípulos. Prova dessa salutar preocupação, dêsse superior cuidado são as dependências do Colégio Cearense, levantadas em 1917, dois anos após o início da administração marista. Se hoje nos parecem avantajados, o que não significavam êsses prédios há trinta e cinco anos? Excetuados o *Auditorium* e um ou outro *puchado*, obras estas realizadas na administração do irmão Carlos Martinez, o magnífico prédio já oferecia, aos nossos olhos de meninos, a mesma imponência que hoje ostenta. Sòmente a capela merecia substitutição, confinada entre cortinas vermelhas e tomando parte do último salão da casa velha onde funcionavam os órgãos burocráticos do estabelecimento. Mas, ainda em 1926, eregiu-se nova, imponente e bela.

Nunca estacionários no campo educacional, os irmãos maristas realizam aquilo que emérito sociólogo considerou o ideal pedagógico — na ordem física, um esfôrço de ação; na ordem intelectual, um esfôrço de atenção; na ordem moral, um esfôrço de resistência e perseverança. Se adotam êsse processo pedagógico de tríplice aspecto, não o fazem, como poderia parecer a algum observador menos avisado, por obscurantismo ou intransigência. Antes, observam os fatos sociais e concluem, lògicamente, que o homem tanto mais alie a cultura profissional à firmeza de caráter, à pureza de costumes e à fé em Deus, mais depressa e seguramente conquista a autoridade, a estima e o respeito de seus concidadãos. Se é verdade, como já disse alguém, que o poder pertence aos mais fortes e os mais fortes são os que sabem; se é indiscutível que o saber há sido considerado em tôdas as épocas fôrça social de primeiríssima plana; se é incontestável que a ciência conquistou lugar ainda mais importante em nosso tempo, visto desempenhar na

vida contemporânea papel salientíssimo nunca dantes alcançado — não é menos exato que a verdadeira cultura intelectual, quando equilibrada, contribúi para a formação moral do indivíduo e, por outro lado, é favorecida por esta.

A austeridade mesma que, por vêzes, notamos em alguns maristas, pode ser explicada satisfatòriamente: — quase sempre os menos expansivos sentem o pêso da responsabilidade sôbre os ombros, ora a economia do colégio, ora a própria direção geral do estabelecimento; ou então desejam, assim, compensar o mimo exagerado com que os filhos são tratados por alguns pais, conseqüência do sangue latino que corre em nossas veias. Num colégio em que se não procura corrigir êsse defeito de educação, dosando, em partes iguais, instrução e disciplina, ignora-se, lamentàvelmente, o legítimo papel da escola.

Se nenhuma dessas superiores razões lograsse, ainda, convencer os prevenidos contra a orientação pedagógica dos maristas, cuja pedra angular é, por assim dizer, a formação religiosa dos educandos, bastaria relembrar que nos tempos correntes, de sensualismo atrevido e paixões aviltantes, o espírito religioso apresenta-se como o último refúgio em que se há de abrigar a sociedade mortalmente ferida.

Porisso é que rarìssimamente um ex-aluno de maristas deixa de entregar seus filhos a tão completos educadores.

Mas já é tempo de terminar esta saudação.

Aceitai, pois, caríssimo irmão Joaquim, já que nesta hora, com os vossos 58 anos de vida religiosa na congregação que adornais com as vossas virtudes, tendes a honra de representar tôda a legião dos abnegados educadores que por aqui passaram, espargindo luz e deixando saudade, aceitai e transmiti a vossos irmãos de hábito as homenagens que, por minha indigna voz, vos prestam os incontáveis juristas, médicos, engenheiros, professores, dentistas, agrônomos, farmacêuticos, contabilistas, comerciantes e componentes das mais diversas classes da sociedade cearense. Todos sabemos, passados quarenta, trinta, vinte anos que deixámos o vosso convívio no Colégio Cearense, que não auferistes lucro material pelas atividades didáticas exercidas em benefício dos afortunados estudantes que de vós se aproximaram. Mas um laurel conquistastes, unânimemente reconhecido — a admiração e, mais do que simplesmente isto, a amizade de quantos vos conheceram. Manifesta até mesmo nos momentos em que, repreendendo as nossas peraltices, nos *expulsáveis do colégio... até segunda ordem*, vossa bondade permanece gravada em nossa memória, qual estigma indelével, constituindo, quiçá, a mais eficiente de tôdas as lições que de vós recebemos.

Muito obrigado! Muito obrigado!